

TECENDO FUTUROS POSSÍVEIS. O TECER COMO METÁFORA PARA A PESQUISA E O PLANEJAMENTO EM MODA.

Monçores, Aline; Doutor; UDESC, amoncores@gmail.com¹
Donzelli, Sabrina; Mestre; Università degli Studi di Milano Bicocca, sabr.donzelli@gmail.com²
Dias, Sofia; Universidade de Lisboa, sofiadiasslx@gmail.com³

Resumo: O texto faz uma reflexão sobre os materiais têxteis agindo como um fio condutor e metáfora para investigar o papel do design e o sentido do futuro. Através de uma revisão bibliográfica o texto apresenta as perspectivas de dois antropólogos contemporâneos, Appadurai e Ingold, o texto busca reler o sentido e o valor do “projeto” e a contribuição da pesquisa antropológica refletindo sob o papel do design e o futuro.

Palavras-chave: Futuro 1; Projeto 2; Antropologia 3

Abstract: The text reflects on textile materials acting as a guiding thread and metaphor to investigate the role of design and the meaning of the future. Through a bibliographic review, the text presents the perspectives of two contemporary anthropologists, Appadurai and Ingold, the text seeks to reread the meaning and value of "project" and the contribution of anthropological research reflecting on the role of design and the future.

Keywords: Future; Design; Anthropology.

Introdução

A reflexão a seguir analisa os trabalhos Arjun Appadurai e Tim Ingold para uma participação consciente rumo a um destino comum, num momento de grande incerteza e questionamentos, para manter viva a aspiração por futuros possíveis.

¹ Doutora e Mestre em Design, com especialização em Marketing e graduação em Moda, pesquisadora e autora de textos sobre tendências, futuros e consumo.

² Graduada em Comunicação e Mestre em Antropologia, conecta disciplinas e perspectivas sobre contemporaneidade, inovação cultural e social. Pesquisadora com competências editoriais e formativas, lida com a concepção e desenvolvimento de conteúdos e projetos.

³ Graduada e Mestre em Visual Design, Doutoranda em Estudos Urbanísticos, atua com Future Literacies, Visual Thinking, learning learning-by-doing, learning-by-sensing, co-learning processes e consultorias.

Ambos os antropólogos analisados, em seus diferentes percursos e diálogos, exploram o significado de "design" e as dimensões da vida, oferecendo sentidos interessantes para colaborações e co-criação. Deste modo, objetiva-se constituir diálogos e práticas interdisciplinares, onde “a arte da prática” na Antropologia contemporânea encontra o Design: entre a pesquisa, o fazer compartilhado e os projetos sobre futuros. Parte desta reflexão é pautada no trabalho de mestrado “Co-habitando futuros possíveis. Pesquisa antropológica através das perspectivas de Arjun Appadurai e Tim Ingold” (DONZELLI, 2020), que explora a arte da prática no projeto e a construção do futuros. A dissertação desenvolve um percurso que entrelaça diferentes pontos de vista e experiências, materiais e recursos para explorar a contribuição da pesquisa antropológica ao design e ao futuro. Ao mesmo tempo, faz um contributo, num momento de questionamentos, para manter crescente a discussão por horizontes possíveis, numa participação consciente de um destino comum.

O autor Arjun Appadurai (2005, 2011, 2012, 2014) desenvolve no seu trabalho um diálogo entre antropologia e economia, por meio de contextos e linguagens que se cruzam e onde categorias e modelos são relidos para melhor compreender as dinâmicas e os processos de globalização, identificando áreas de análise e ação social. Em particular, Appadurai (2014) argumenta na sua teoria que o futuro é um fato cultural, sustentado pela capacidade de aspirar e ativar práticas do possível. Por meio da redefinição de categorias de leituras do mundo presente, do ponto de vista da antropologia, o autor explora as possibilidades de "fazer o futuro" e, ao mesmo tempo, destaca novas orientações a serem cultivadas para disciplinas que lidam com o tema. Por futuro, Appadurai entende ser um elemento do imaginário social: um horizonte coletivo que subjaz, toma forma e movimento a partir de aspirações que são compartilhadas. Ao reintegrar o futuro e a aspiração como uma capacidade cultural o autor faz referência ao seu trabalho sobre globalização e pobreza, neste Appadurai desenvolve análises sobre diferentes contextos e práticas, entre elas aquelas relativas à criação de diálogos entre capacidades e *capability*. O termo *capability* é usado, no sentido dado pelo economista e Prêmio Nobel Amartya Sen, como suporte para políticas de *Welfare State* que nutrem e fortalecem as habilidades que os tornam "capazes" de agir e reivindicar dignidade e liberdade (APPADURAI, 2014, p. 251).

Já o autor Tim Ingold explora as possibilidades da relação generativa entre antropologia e ecologia (2004, 2019a, 2019b, 2020). Ingold traça sua análise orientada para o contexto ambiental e

para as formas e caminhos de envolvimento prático das pessoas, enquanto para o autor, todos são potencialmente capazes de se tornarem agentes criativos e produtores de mudança. Ingold destaca como o conhecimento pode ser gerado em contextos experienciais no decorrer do envolvimento mútuo diário de atividades práticas, como o artesanato, a arte de fazer e educar. Ingold ressalta também que não podemos criar o futuro sem, ao mesmo tempo, pensar nele. Ou seja, simultaneamente o autor explora a relação entre pensar e produzir, questão prática à qual o filósofo e o artesão respondem de forma diferente: o primeiro produz com o pensamento, enquanto o segundo pensa produzindo (INGOLD, 2019a, SENNET, 2009).

Enquanto o filósofo desenvolve o pensamento em sua mente e posteriormente aplica as formas-pensamento à substância do mundo material, o artesão experimenta outro processo: seu conhecimento se desenvolve dentro de seu envolvimento prático e observacional com as coisas, as pessoas e o ambiente que o cerca. É uma arte de fazer que pode ser associada à prática antropológica e também à prática artística e educativa como caminho exploratório, cognitivo e transformador. É uma exposição, e receptividade, mais íntima ao mundo, um compromisso moral na partilha e na vivência individual e coletiva (DONZELLI, 2020). Nesse movimento prático em direção a um tecido de futuro compartilhado, também para Ingold entra em jogo o valor da aspiração que exige trazer pessoas e coisas "na presença". Na ativação, a aspiração combina cuidado e atenção com a tensão da vida ao longo do tempo, pois a aspiração conecta as atividades de lembrar e imaginar: "Ambas são formas de 'tornar presente': lembrar torna o passado presente; imaginar torna o futuro presente" (INGOLD, 2019b).

Appadurai e o design das formas sociais

A concepção do design das formas sociais de Appadurai tomou forma em meados dos anos noventa, com o autor estudando a globalização e refletindo sobre a "produção de localidades" que, segundo ele, exige esforço, continuidade e imaginação (nada já existente ou predeterminado), a esse respeito ele afirma:

(...) O local não é uma tela inerte sobre a qual se pinta o espaço móvel da globalização, mas é em si um trabalho progressivo constante e laborioso, de modo que a produção de

localidades é a sede nunca concluída de uma ação humana fundamental.(APPADURAI, 2014, p. 157)

Appadurai observa, ainda, que o local foi e ainda é, não menos que o global, fruto de uma construção humana contínua e intencional. Para o autor os processos de design que estão na base dos caminhos diários para realizar as pequenas-grandes aspirações (afetivas e profissionais, sociais e econômicas, ordinárias e extraordinárias), são os mesmos que definem o cenário e a base social a partir da qual o design profissional toma forma. A criação de tecidos e roupas, de casas, objetos de decoração, aparelhos eletrônicos, relógios, barcos e brinquedos, todos são, portanto, projetos de longa data que pertencem à história da humanidade, em diferentes épocas e culturas. Por outro lado, o design (e a moda) está intimamente ligado ao nascimento do capitalismo industrial que, gradualmente, obscureceu a relevância da participação das pessoas nos processos e o modo como elas continuam a projetar suas próprias formas sociais na vida cotidiana. Um bom exemplo no cenário brasileiro é o chamado Design Vernacular. Cardoso (2012) afirma que se trata “de um campo informal, que se define por exclusão do campo do design institucionalizado” podendo ser considerado um “design não oficial”. Um ponto interessante é que a atividade se configura entre produtores que dividem “condições de existência semelhantes”. Como principais características Cardoso menciona o fato de seus produtores serem autodidatas ou aprendizes, o trabalho, em geral, organiza ou soluciona uma necessidade cotidiana, existe uma linguagem visual comum entre o grupo, muitas vezes é anônimo (sem identificação de autoria), atrelado a cultura popular e possui uma “forma de produção artesanal ou com recursos reduzidos” (CARDOSO, p.43, 2012). Outro aspecto de interesse que se aproxima da abordagem de Appadurai é a grande conexão entre objeto e a produção de sentido atrelada ao local (ou sua origem) no design vernacular, Cardoso menciona ainda que o termo “vernacular” está associado a algo nacional, próprio da região, sendo um forte símbolo de representação da identidade (CARDOSO, p.44, 2012).

Para Appadurai é importante refletir sobre como, na complexidade do mundo contemporâneo, ocorreu essa separação entre design e a vida cotidiana a fim de ultrapassar essa separação e reaproximar o design das formas sociais, apoiando processos e projetos compartilhados e de valor coletivo. Considerando a capacidade inerente dos objetos em gerar contextos, Appadurai (2014)

sugere novas possibilidades para pensar os processos do ponto de vista cultural e social, repensando também o futuro do campo por meio da ideia de perenidade que, para o autor, é “a chave para a sustentabilidade social do design” (Ibidem, p. 364). Appadurai afirma que é preciso sair do estado de “embriaguez e volatilidade das ‘modas’” para o estado de “duração”, somente assim o design poderia realizar uma contribuição mais saudável e equitativa realizando de modo pleno o pensamento projetual focado em planejamento (aqui podemos considerar o “planejar” como um ato de longo prazo, de futuro).

O planejamento, bem como o design, também é tão antigo quanto a humanidade, combinando a necessidade natural de prever e a longa e mutável história de técnicas como astrologia, adivinhação e rituais sazonais com outros modos de previsão implicados pela migração, projetos de assentamento e alianças matrimoniais entre grupos. (...) Mas, diferentemente do design, que se origina sobretudo da explosão das técnicas industriais, máquinas e sistemas sociais e da própria ligação direta com o crescimento e expansão dos mercados mundiais através o trabalho do império e do capital, o planejamento surge no início do século XX principalmente através do patrocínio do Estado. (APPADURAI, p. 365, 2014)

Appadurai considera que houve uma separação entre o termo “design” e “planejamento” motivada por diferentes razões e contextos, onde “design” se voltou para o que é expresso por meio de objetos, consumidores e mercados, enquanto o seu sentido de “planejamento” estaria ligado a propósitos coletivos e para benefícios de longo prazo, foi esvaziado. Para o autor as questões institucionais e regulatórias especialmente referentes à sustentabilidades (ambiental e social), hoje com fortes pautas e discussões, podem ser o fator-chave capaz de reunir ambos os termos (APPADURAI, p. 366-367). Entretanto, o autor olha com atenção dois aspectos controversos a serem considerados: o primeiro diz respeito a abordagem de longo prazo que abre debates de interesse econômico sobre as prioridades de produção e custos; o segundo é o fato de que a sustentabilidade envolve duas áreas e métodos regulatórios distintos: o mercado e a natureza. Na sua proposta Appadurai caminha para uma possível reunificação entre planejamento e design mediada pela sustentabilidade baseada em um pensamento crítico e criativo sobre termos e contextos de ação “tanto como corretivos de imperfeições de mercado quanto como fontes de uma política social que não se baseie inteiramente em eficiências medida pelo preço e pela procura do consumidor” (Ibidem, p. 367). É aqui que entra a contribuição e responsabilidade do design das formas sociais, cujo papel é repensar, desenhar e implementar um projeto maior a partir dos próprios recursos imaginativos

(locais, simbólicos e culturais) e projetuais (onde os processos consideram os recursos e benefícios do contexto social que está inserido). Neste ponto há grande afinidade da visão de Appadurai com a ideia de decolonização do design e do futuro contribuindo diretamente para uma visão decolonizadora dos estudos de futuro. Em artigo publicado Monçores (2021) já menciona a necessidade de se repensar os estudos sobre tendências e futuros a partir de uma prática (ou método) autônoma, decolonizada e local, para que assim seja possível pensar e prospectar sobre questões de relevância para um grupo social ou localidade específica. O trabalho desenvolvido pela UNESCO no projeto de Future Literacy (FL)⁴ na África, Imagining Africa Futures (IAF) é um exemplo. O IAF atua como laboratório de futuros em vários Países do continente africano e é composto por agentes locais que buscam desenvolver um pensamento sobre o futuro junto as comunidades⁵ e assim poderem “compreender melhor o que veem e o que fazem” fortalecendo a imaginação e o pensamento sobre futuro para poder planejá-lo. No projeto os participantes são convocados a pensar e testar coletivamente uma gama de hipóteses e propor soluções para melhorar suas próprias localidades. O IAF coordena a Alfabetização de Futuros (FL) na África, que, segundo o site da UNESCO busca dar condições ao participante de desenvolver suas habilidades de imaginar o futuro e assim, poder projetar, organizar, se preparar para ele.

Tim Ingold e o design da vida cotidiana

Enquanto Appadurai se concentra na questão do design das formas sociais, Tim Ingold traz a humanidade para o centro, pensando nas pessoas como organismos de sistemas abertos que se movem e crescem formando “campos relacionais” (INGOLD, 2004, 2019a, 2019b, 2020). Ingold acredita que a formação desses campos são resultado de uma “ativação de correspondências”, dentro e através do ambiente de vida que passam pela observação e cooperação. Nessa perspectiva, o objeto da antropologia cultural não seria uma tela já fiada que as pessoas vestem como uma roupa (ou um par de óculos)⁶, mas sim a própria atividade de “tecer”, por meio da qual os seres humanos entrelaçam

⁴ O projeto Future Literacy busca dar condições ao participante de desenvolver suas habilidades de imaginar o futuro e assim, poder projetar, organizar, se preparar para ele. Parte da ideia de que o futuro é algo que não existe então pode ser imaginado, como a imaginação é uma capacidade humana inerente a todos, a proposta é fortalecer a imaginação, se preparando, se recuperando e inventando conforme as mudanças ocorrem. Pra tal, são ensinadas técnicas de pesquisa, projeção, análise entre outras.

⁵ <https://en.unesco.org/futuresliteracy/about>

⁶ Ingold se refere a Clifford Geertz e sua afirmação: “Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a uma teia de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado” (GEERTZ, 1998, p. 11).

suas existências e habitam o mundo (INGOLD, 2019a). Para Ingold é participando de atividades práticas e criativas que cordas são entrelaçadas, linhas são traçadas, casas são construídas: o fazer comum é projetado pelo amadurecimento da consciência, domínio e orientação. O ato prático possibilitaria a observação, a cooperação e as correspondências, logo, estes não seriam apenas pontos de análises e conhecimentos úteis para a antropologia e as artes, mas também experiências significativas e necessárias para a esfera existencial individual e coletiva.

Ingold sugere uma exploração particularmente dirigida aos processos, ao fazer com, ao devir da obra e das pessoas com ela, o autor investiga os pontos de contato e experiência entre antropologia e arte a partir de uma perspectiva de antropologia ecológica (INGOLD, 2019a, 2019b). No centro de seus percursos de estudo e trabalho de campo, encontramos uma atenção profunda aos contextos, aos modos e às práticas a partir das quais as pessoas levam uma vida imersa no seu meio. Nesse sentido, muitas vezes Ingold utiliza o verbo "entrelaçar" para expressar a estreita interconexão entre o ser humano e o ambiente: um caminho de aprendizagem e construção contínua entre estratégias e tensões relacionais, negociações, adaptações, habilidades técnicas e criatividade. O autor destaca o "design" do cotidiano e a relação que tecemos com seus elementos, seja como pesquisadores, artistas, estudantes, cidadãos (2019a).

Assim, Ingold foca sua atenção nas coisas, nos objetos, nos ambientes e, principalmente, no sentido que atribuímos e/ou recebemos destes no universo cotidiano. O foco no design - seu papel, campo e responsabilidade - colabora para destacar as possibilidades da antropologia em trabalhar com "os materiais da vida" (DONZELLI, 2020), ou seja, para compreender qual seria o potencial destes elementos cotidianos na interação direta com eles para a construção de novas visões. A perspectiva de Ingold é um convite à observação tanto do fazer criativo como também do trabalho que resolve os problemas à medida que surgem, além disso nos leva a analisar as formas de produção como algo já pré-definido e planejado a priori. Ingold propõe...

(...) repensar a produção, por outro lado, como processo de 'crescimento'. Isso significa conceber o artífice, desde o início do processo, como participante de um mundo feito de materiais ativos. Esses materiais são o que ele tem que trabalhar, e no decorrer do processo de produção o artífice "une forças" com eles, reunindo-os ou separando-os, sintetizando-os e destilando-os, antecipando o que deles poderá resultar. (INGOLD, 2019a, p. 45)

Ingold define que o artífice (mas poderíamos, por extensão, chamá-lo de artesão, estudante, professor, designer, pesquisador) tem uma forma em mente ao início do trabalho, mas certamente não será esta forma a que resultará no trabalho final, pois o que definirá a forma será seu envolvimento (do artífice) com os materiais, sejam eles tecido, madeira, pedra, a comunidade ou a turma de alunos. Para o autor os materiais (entendidos no sentido mais amplo) ganham forma através do trabalho, desenvolvendo seu próprio potencial generativo e regenerativo. Aqui, mais uma vez, a ênfase está no valor transformador da antropologia, seu “prosseguir com”. A participação ativa nos processos é justamente o que possibilita “ler” o design e a produção à medida em que se desenvolvem.

Ao explorar os significados e potencialidades do design, Ingold abre a reflexão sobre o futuro e introduz os conceitos de previsão, antecipação e intuição (INGOLD, 2019, pp. 122-129). Para Ingold o futuro (ou a previsão) não consiste em uma especulação que ocorre literalmente "antes da vista", mas está na atividade de olhar para frente enquanto se procede na prática do trabalho. Portanto, não se trataria de uma concepção de ideias, mas daquilo que o sociólogo Richard Sennet, em seu estudo sobre o trabalho do artesão, chama de antecipação⁷: "estar sempre um passo à frente do material" (SENNET 2009, p. 170). Ingold também cita o filósofo Jacques Derrida, em referência à arte do desenho, onde a mão que traça a linha está sempre à frente das especulações da mente, acumulando vantagens e podendo tomar antecipadamente (ante) visões, entendimentos práticos, tendências de desenvolvimento. E por fim, outro estudioso que tem se envolvido nesse caminho é o teórico do design Lars Spuybroek, segundo o qual: "Uma mente que deseja se envolver no processo de produção deve não apenas ser aberta, mas também clarividente, ou seja, capaz de olhar para frente a uma criação ainda desconhecida" (SPUYBROEK, APUD in: INGOLD, 2019a, p. 122). Aqui a mente “aberta” e “clarividente” se dirige ao envolvimento ativo que seria capaz de nutrir uma postura receptiva e estimular conexões com o contexto e *insights* sobre a produção empreendida, o que para Ingold...

(...) não significa predeterminar as formas definitivas das coisas e todas as operações necessárias para alcançá-las, mas abrir uma trilha e improvisar um caminho (ou percurso).

⁷ Do latim *antecipar*, prevenir: derivado de *capere* (tomar), com o prefixo *ante* (antes)

Prever, nesse sentido, é ver o futuro, não projetar um futuro do estado das coisas no presente; é olhar para onde você está indo, sem estabelecer um ponto de chegada. (INGOLD, 2019a, p. 122)

O trabalho de “design do cotidiano” é feito de atenção, envolvimento, escuta e pleno de responsabilidades. É um projeto colocado "em ação" junto com seus sujeitos, e não simples objetos ou destinatários, é um projeto interdisciplinar que continua ao longo de todo o processo de construção, sempre olhando para frente, para o caminho livre.

Conclusão

O que se pode perceber nesta análise sobre os dois autores é que existem entre eles aproximações que se complementam e sob as quais ambos fornecem perspectivas que perpassam o campo do Design. Desta forma, o design das formas sociais de Appadurai e o design do cotidiano de Ingold buscam ampliar a visão e uma atuação sobre projeto dando um caráter fortemente transdisciplinar inserindo outros elementos e agentes além do designer (criador). Ou seja, é trazer para o projeto a escuta atenta da comunidade, reforçando o aspecto participativo e com forte apelo da cocriação. E por cocriação entende-se aqui uma estratégia que une diferentes partes, para desenvolver conjuntamente resultados de valor para todas as partes.

Assim, Appadurai reafirma a necessidade e importância de estarmos conectados com a comunidade, para uma redescoberta ampliada (num sentido sociocultural) das identidades locais, valorizando os fazeres e suas perspectivas. Em paralelo, Ingold se concentra nos sentidos atribuídos ao universo material e relacional (consequentemente cotidiano) e suas formas de produção, tentando compreender qual seria o potencial educativo destes elementos para a construção de novas visões e práticas para o futuro.

Outro ponto importante é que ambos os autores utilizam o termo “aspirações” como algo que deve ser considerado nos projetos, dando espaço para as pessoas (indivíduos e coletivos) e ao mesmo tempo apoiando a concretização desses anseios (numa perspectiva de futuro). Enquanto um autor parece desenvolver uma visão de ecologia cultural o outro parece dar voz à aspectos econômicos em suas preocupações com processos. Talvez uma outra aproximação possível seja com a Economia circular e a abordagem de design circular, tão em destaque atualmente.

A abordagem de design circular, propõe que a etapa de projeto pense todo o processo, do início ao fim, considerando descartes e reusos (EMF, 2021). A ideia se baseia em enxergar as conexões existentes do projeto, dentro (processos) e fora (sociedade e ambientes) e projetar sob novos padrões que permitam a economia e o meio ambiente coexistirem em equilíbrio. Hoje já se fala em como “criar um sistema restaurador e regenerativo por intenção e design”, que visa manter materiais, produtos e elementos por maior tempo de utilidade e valor (EMF, 2013), uma ideia que também encontra pouso nos textos de Appadurai (como pode ser visto na página 5 deste texto). Por outro lado, a visão de sistemas abertos de Ingold, que coloca a humanidade no centro do projeto faz lembrar Weetman que diz que gerir é criar valor por meio da identificação e abordagem de problemas sociais que perpassam o negócio (WEETMAN, 2019, p.431).

O que se percebe como conclusão desta breve análise é que a visão expressa dos autores, além de atual e alinhada com outros campos do saber, é que dar voz às aspirações é um meio de ouvir o que se pode fazer e realizar para o futuro, é planejar a partir do coletivo, é cocriar para o amanhã. É uma tessitura que se desenvolve com os “fios” do cotidiano e das aspirações, individuais e coletivas, da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

APPADURAI, Arjun. *Le merci e la politica del valore*, in E. Mora (a cura di) *Gli attrezzi per vivere. Forme della produzione culturale tra industria e vita quotidiana*, pp. 3-75. Milano: Vita e Pensiero, 2005.

_____. *Le aspirazioni nutrono la democrazia*. Milano: et al., 2011.

_____. *Modernità in polvere. Dimensioni culturali della globalizzazione*. Milano: Raffaello Cortina, 2012.

_____. *Il futuro come fatto culturale. Saggi sulla condizione globale*. Milano: Raffaello Cortina, 2014.

CARDOSO, Fernanda de A., Design Gráfico Vernacular: Identidade e Patrimônio Cultural, p.41-61. IN: CAMARGO, Paula de O., **Design e/é Patrimônio**. Rio de Janeiro: CCD, 2012.

DONZELLI, Sabrina. *Co-abitare futuri possibili. La ricerca antropologica attraverso le prospettive di Arjiun Appadurai e Tim Ingold*. Tesi di Laurea Magistrale in Scienze Antropologiche ed Etnologiche. Milano: Università di Milano-Bicocca, 2020.

EMF – Ellen MacArthur Foundation. *Circular design for fashion*. United Kingdom: Ellen MacArthur Foundation Publishing, 2021. 207p. Relatório Técnico.

GEERTZ, Clifford. *Interpretazione di culture*. Bologna: Il Mulino, 1998.

INGOLD, Tim. *Ecologia della cultura*. Roma: Meltemi, 2004.

_____. *Making. Antropologia, archeologia, arte e architettura*. Milano: Raffaello Cortina, 2019a.

_____. *Antropologia come educazione*. Bologna: La Linea, 2019b.

_____. *Antropologia. Ripensare il mondo*. Milano: Meltemi Press, 2020.

MONÇORES, A. M.. **Tendência da pesquisa de tendências –complexidades que clamam por novas práticas**. COLÓQUIO DE MODA, 16^o edição, Anais –GT12, São Paulo: ABEPPEM, 2021.

SPUYBROEK, Lars. *The Sympathy of Things: Ruskin and the Ecology of Design*, Rotterdam: V2_Publishing, 2011.

SENNET, Richard. *L'uomo artigiano*. Milano: Feltrinelli, 2009.

WEETMAN, C. **Economia circular: conceitos e estratégias para fazer negócios de forma mais inteligente sustentável e lucrativa**. São Paulo: Autêntica Business, 2019. 501p.